



A agenda econômico-comercial dos BRICS

Ivan Tiago Machado Oliveiraⁱ • 23 de abril de 2013

Resumo:

O artigo visa a analisar a agenda comercial dos BRICS, identificando o posicionamento de cada um deles, ou do grupo, quanto a alguns dos principais temas do comércio internacional na atualidade.

Palavras chave: BRICS, comércio internacional.

Abstract:

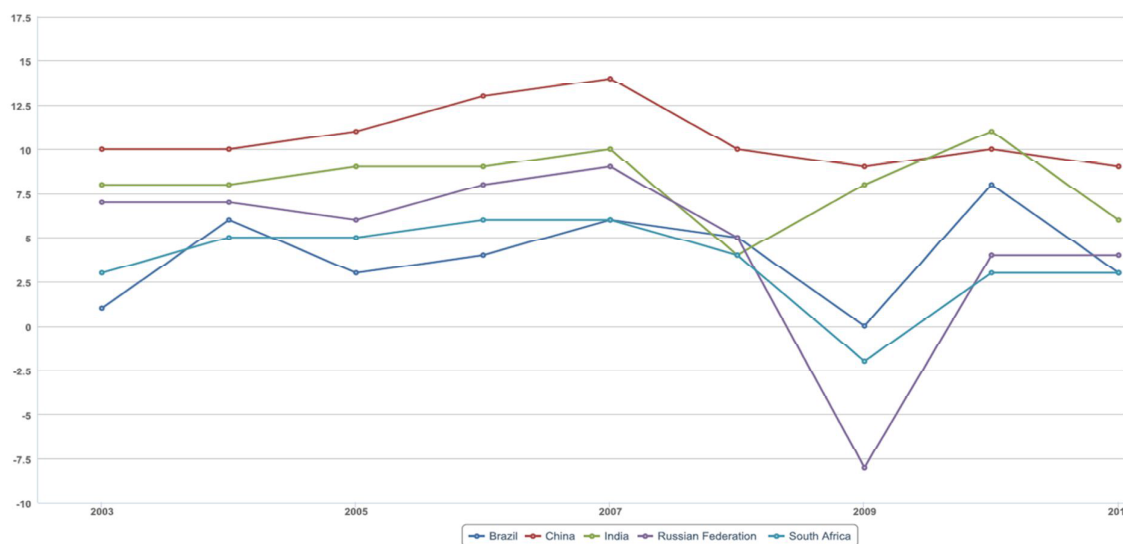
The article aims to analyze the trade agenda of BRICS, identifying the position of each one, or group, as some of the main themes of international trade today.

Key words: BRICS, international trade.

Ao se analisar os dados econômicos nos últimos anos, alguns questionamentos começaram a ser levantados sobre a viabilidade da permanência do crescimento sustentado nas chamadas economias emergentes, entre as quais se destacam os BRICS. Contudo, não apenas a redução do crescimento do produto nacional bruto (PIB) pode ser visto como elemento de crítica aos emergentes em geral, e aos BRICS em particular. A dificuldade de se conseguir estruturar uma agenda conjunta coerente entre os países do BRICS, particularmente sobre temas econômico-comerciais, é ressaltada por alguns analistas, não obstante os esforços tentativos no sentido de dar maior concretude ao grupo por meio da criação de um fundo de reservas e de um banco de desenvolvimento. Tomando em conta esse contexto, o presente artigo visa a analisar a agenda comercial dos BRICS, identificando o posicionamento de cada um deles, ou do grupo, quanto a alguns dos principais temas do comércio internacional na atualidade.

Em primeiro lugar, observa-se o crescimento econômico entre 2011 e 2013, através de dados disponíveis e já consolidados para os países dos BRICS. Como apresentado no gráfico 1, que segue, China e Índia apresentam um crescimento muito acima do padrão dos demais, com Brasil e África do Sul crescendo um pouco menos. Esse tipo de indicador os apresenta como economias emergentes. Os atores econômicos que buscam oportunidades de negócios identificaram esses cinco países como sendo aqueles com maior propensão a ter e manter taxas elevadas de crescimento. Mesmo no período da crise de 2008, estes países cresceram acima da média internacional, com algumas exceções – entre elas o Brasil. O Brasil não tem crescido muito nos últimos anos apesar de ter crescido um pouco acima da própria média anterior à crise. O Brasil não se destaca como uma grande economia com crescimento sustentável e prolongado, apresentando taxas menores do que a média da América Latina nos últimos dez anos, por exemplo.

Gráfico 1: Crescimento do PIB - % (2003-2011)



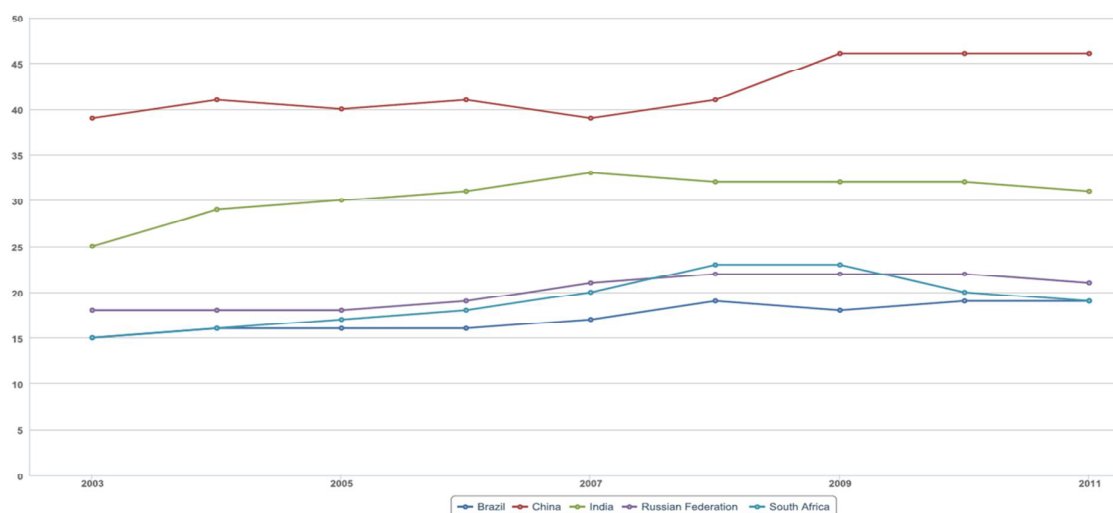
Fonte: Banco Mundial.

Um elemento essencial para pensar o crescimento desses países é o investimento, seja ele privado ou público. Novamente se destaca a discrepância entre China e Índia, que apresentam taxas muito acima dos demais BRICS, como se observa no gráfico 2. A participação do investimento no crescimento do PIB é essencial para se entender o crescimento da China, além de outros elementos, como o enfoque na demanda externa – exportações. Uma alta taxa de investimento explica boa parte do crescimento chinês nas últimas décadas, que tem superado a média de 10% ao ano, com redução nos anos pós-crise. O Brasil cresceu de forma semelhante durante o período do milagre econômico, mas o *catch up* chinês tem sido mais substancial, impactando em toda a economia mundial.

capita não é um indicador ideal, mas é comumente usado para se analisar o desenvolvimento econômico de um país tomando por base sua estrutura populacional. Apesar da China ter apresentado um crescimento elevado de seu PNB *per capita* nos últimos anos, ela e a Índia continuam a apresentar as menores PNB *per capita* entre os BRICS. Brasil e África do Sul aparecem com PNB *per capita* com uma leve tendência de alta ao longo do tempo. No caso russo, é importante ressaltar o “efeito petróleo” para a economia do país e como uma população decrescente gera um aumento do PNB *per capita*.

A China ainda possui uma renda muito baixa, em 2011, por exemplo, observa-se um PIB *per capita* próximo de 3 mil dólares, o que é menos de um terço do brasileiro. Ou seja, apesar

Gráfico 2: Investimento como parte do PIB - % (2003-2011)



Fonte: Banco Mundial

Para além dos dados de crescimento em si, é importante pensar em algumas medidas de bem-estar. O produto nacional bruto (PNB) *per*

do crescimento substantivo, ainda há uma massa da população sem acesso aos benefícios que o crescimento econômico está gerando. Ainda

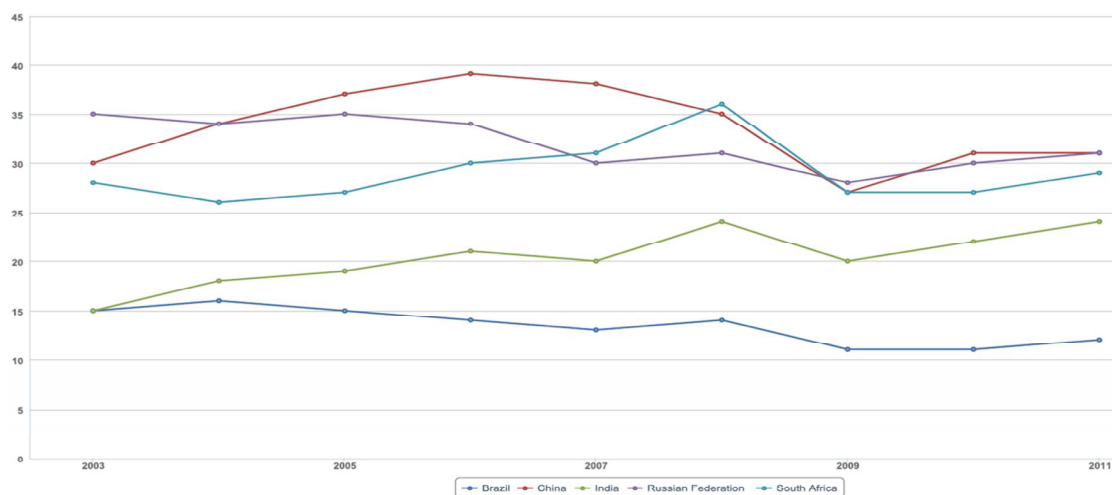
assim, a China foi o país que, nos últimos anos, viu o maior número de pessoas saindo da linha da pobreza e os efeitos desse incremento de renda da população, tanto na China quanto na Índia, são substantivos quando se pensa em termos absolutos.

Em se considerando o quadro macroeconômico acima apresentado muito brevemente, a China desponta, de forma importante entre os BRICS, como aquele país com maior importância relativa e absoluta no comércio internacional. Pode-se observar essa importância quando se analisa a exportação de bens e serviços como percentual do PIB, que mostra tudo que foi produzido no país em um determinado ano, em

Rússia, é como a reta do Brasil sempre aparece com os menores índices que relacionam comércio e produção entre os países do BRICS. A China se destaca como maior produtora de manufaturados, particularmente de produtos de alta tecnologia – bens que exigem que o país tenha maior capacidade de investimento e de mão-de-obra qualificada. Para esses bens de alta tecnologia, o percentual do total exportado de manufaturados chineses fica em torno de 25% em 2011, enquanto o dos demais países o valor é de cerca de 6% ou 7%.

O que resume tudo que se analisou até agora é o grau de abertura, que pode ser medido por meio de vários indicadores, entre eles o que

Gráfico 3: Exportações de bens e serviços - % PIB (2003-2011)



Fonte: Banco Mundial.

relação ao que foi exportado naquele período, como se vê no gráfico 3.

O que salta aos olhos, neste caso, além de certa semelhança na participação relativa das exportações no PIB para China, África do Sul e

se apresenta no gráfico 4: exportação somada à importação, dividido pelo PIB. O Brasil, nesse contexto, é um dos países mais fechados comercialmente do mundo. Ao se analisar todos os países que fazem parte da OMC, o Brasil é hoje

o que tem menor grau de abertura comercial. Possui economia essencialmente fechada, o que é um ponto importante para se pensar a agenda de comércio e de integração, tendo a maior tarifa média aplicada entre os países do BRICS. O Brasil é ainda pouco integrado internacionalmente do ponto de vista produtivo e comercial, mesmo se comparado aos demais países do BRICS.ⁱⁱ

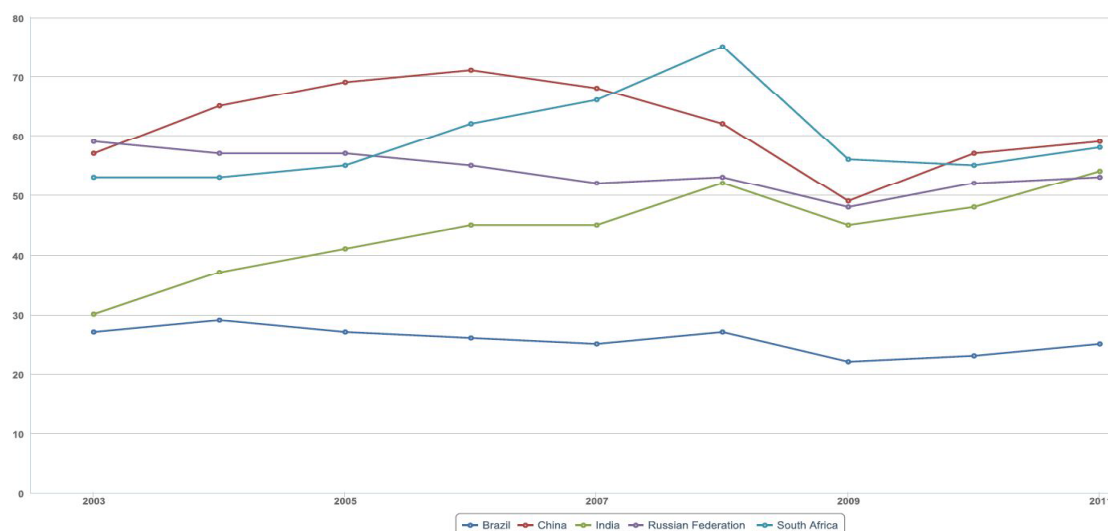
Em se passando a analisar o comércio de serviços, que tem crescido bastante nos últimos anos, é importante ressaltar que, se por um lado os BRICS têm ampliado sua participação nas trocas internacionais em geral, na agenda de serviços isso fica ainda mais claro. Este setor é tradicionalmente caracterizado pela forte presença de empresas de economias desenvolvidas (especialmente Estados Unidos, União Europeia e Japão), mas os BRICS têm ganhado mercado de forma rápida. A taxa média de crescimento das exportações de serviços dos BRICS de 2001 a

2010 foi de 17% ao ano, fazendo o grupo representar cerca de 10% das exportações mundiais de serviços em 2010.

Ao se analisar os novos setores dinâmicos – aqueles com maior potencial de crescimento da demanda internacional – observa-se que a participação do percentual de exportação total dos BRICS tem crescido, com destaque para a Índia. Como apontado no gráfico 5, há uma tendência, a partir de 2006 principalmente, que assinala para o crescimento de setores dinâmicos da exportação de serviços na pauta de comércio dos BRICS. Apesar deste crescimento, há uma clara prudência na liberalização destes setores por todos os países do grupo, o que pode ser visto desde a participação na OMC até os acordos preferenciais de comércio negociados. Este é um setor relativamente protegido em todos os países dos BRICS, com regras e restrições à entrada importantes.

Além disso, vale frisar que em conside-

Gráfico 4: Grau de abertura – (X+M)/PIB, em % (2003-2011)



Fonte: Banco Mundial.

rando os BRICS como demandantes e ofertantes de serviços, ou seja, em se cruzando oferta e demanda de serviços entre os países do grupo, identifica-se uma série de setores com potencial de crescimento no comércio de serviços intra-BRICS, entre eles: transporte, viagens, serviços financeiros, computação e informação.¹

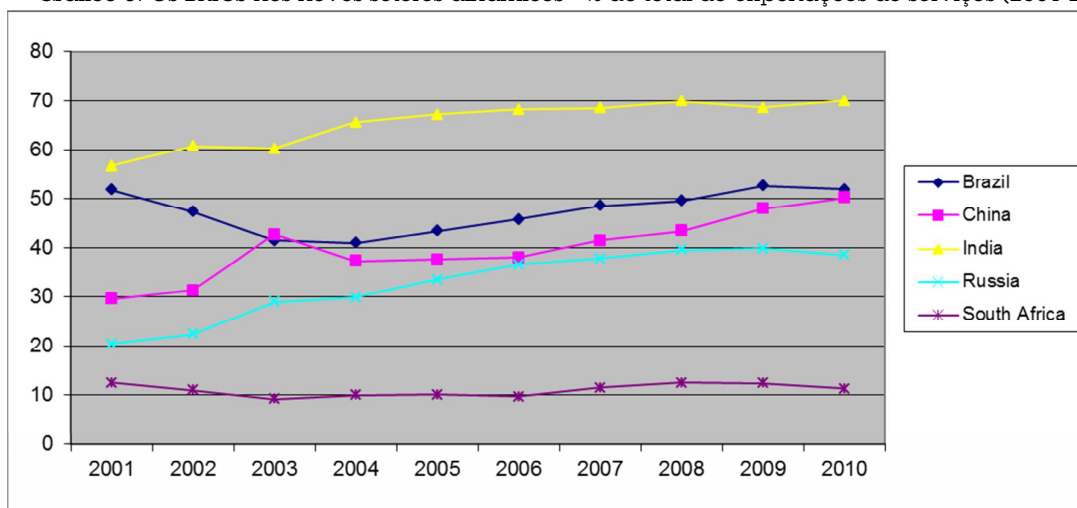
Relacionada ao comércio de serviços, a agenda de integração em cadeias globais de valores tem ganhado espaço entre acadêmicos e *policy makers* da área comercial ultimamente. Entre os

permanece relativamente afastado de importantes cadeias produtivas globais.

Os acordos comerciais assinados pela China buscam facilitar essa integração, reduzindo tarifas e barreiras não tarifárias e facilitando o comércio entre os parceiros envolvidos.² Nenhum dos demais BRICS implementa políticas comerciais que tão claramente se vinculam à ampliação de suas participações em processos produtivos regionais ou globais.

Ao se analisar os impactos de um hipotéti-

Gráfico 5: Os BRICS nos novos setores dinâmicos - % do total de exportações de serviços (2001-2010)



Fonte: Unctad.

BRICS, há uma preocupação sobre os impactos dessa integração em seus processos de desenvolvimento, havendo velocidades e tipos distintos de integração. Por exemplo, enquanto a China é um grande polo econômico-comercial na Ásia – que atrai uma série de outras economias que exportam bens primários e intermediários que são nela processados e reexportados – o Brasil

co acordo de livre comércio entre os BRICS obtêm-se o valor de US\$ 1,4 bilhão de acréscimo no bem-estar total dessas economias.³ Contudo, um acordo como esse avigoraria os padrões de comércio existentes entre eles, robustecendo o

¹ Par mais informação ver Oliveira (2013b).

² Para informação sobre as tendências regulatórias nos acordos preferenciais assinados pela China, entre outros, ver Oliveira e Badin (2013).

³ Dados de Ferraz (2013).

papel da exportação de manufaturas pela China e de *commodities* pelos demais BRICS.

Assim, qual a agenda comercial comum entre os BRICS? Pode-se afirmar que todos veem a OMC como locus relevante de coordenação das políticas comerciais dos países em desenvolvimento, sendo a manutenção de *policy space* elemento comum em suas agendas. Entretanto, o debate sobre cadeias globais de valor e seus impactos no sistema multilateral deve impulsionar a negociação de novos acordos plurilaterais sob os auspícios da OMC. Se isso acontecer, é provável que se encontre menos convergência entre as posições negociadoras dos BRICS, dadas as diferenças substantivas nos graus de integração de suas economias nessas cadeias.⁴

São muitos e crescentes os desafios para a construção de uma agenda comercial comum e coerente entre os BRICS. O reforço na coordenação de ações tanto na OMC quanto no G20, que ganha espaço inclusive em temas comerciais, é patente, embora a realidade da inserção econômica internacional de cada um deles sinalize que essa tarefa não será nada fácil.

Referências

BADIN, Michelle S. R. Tendências regulatórias nos acordos preferenciais de comércio no século XXI: os casos de Estados Unidos, União Europeia, China e Índia. Brasília: Ipea, 2013.

FERRAZ, Lucas. Os BRICS sob a Ótica da Teoria dos Acordos Regionais de Comércio. Texto para Discussão. Ipea. Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Ivan T. M. A Política Comercial Externa Brasileira: Uma análise de seus determinantes. São Paulo: Editora Saraiva, 2013a.

_____. BRICS: Novos competidores no comércio internacional de serviços? Texto para Discussão. Brasília, Ipea, 2013b.

THORSTENSEN, Vera. Os BRICS na OMC: políticas comerciais comparadas de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Brasília: Ipea, 2012

Recebido em 12 de julho de 2013

Aprovado em 08 de agosto de 2013

ⁱ Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Doutor e Mestre em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Estudos Latino-Americanos pela *Universidad Complutense de Madrid* (UCM) e Graduado em Economia pela UFBA. É membro da International Studies Association (ISA) e da Latin American Trade Network (LATN). As opiniões apresentadas neste artigo são pessoais e podem não refletir aquelas da instituição à qual o autor se vincula.

ⁱⁱ Oliveira (2013a) analisa detalhadamente a política comercial externa brasileira quanto à sua estratégia de negociações comerciais.

⁴ Para uma análise da política comercial dos BRICS, ver Oliveira e Thorstensen (2012).